

Sobre a revolução ⁽¹⁾

Não há pior surdo que aquele que não quer ouvir. Os revolucionários dizem que sua atividade tem por objeto a destruição do tirânico estado atual de coisas que oprime e deprava aos homens. Mas, para aniquilá-lo há que contar de antemão com os meios para ter ao menos uma probabilidade de conseguir isso, caso contrário, não há a menor probabilidade de derrotá-lo. Os governos existem; desde há muito tempo conhecem a seus inimigos e os perigos que os ameaçam, e por esta razão tomam as medidas que tornam impossível a destruição do estado de coisas por meio do qual se mantém. E os motivos e os meios que os governos usam são os mais fortes que podem existir: o instinto de sobrevivência e o exército disciplinado.

A tentativa revolucionária de 14 de dezembro ocorreu sob as condições mais favoráveis; era uma época de transição, e a maior parte dos revolucionários pertenciam ao exército. E como! Entretanto em São Petersburgo e em Toultschine a insurreição foi sufocada quase sem esforços pelas tropas submissas ao governo, e logo veio o reinado de Nicolau I, inepto, brutal, que depravou aos homens e durou cerca de trinta anos. E todas as tentativas de revolução, sem tapeação, posteriores àquela, começando pelas aventuras de algumas dezenas de jovens de ambos sexos que pensavam que armando os camponeses russos com algumas centenas de pistolas, venceriam um exército aguerrido de milhões de soldados. Bastava os trabalhadores gritarem com a bandeira em mãos: *Abaixo o despotismo!* Para logo em seguida serem facilmente dispersos por algumas dezenas de gorilas e cossacos armados de chicotes. Tal repressão também foi vista nas explosões e assassinatos de 1870, precursores do 1º de março ⁽²⁾. Todas essas tentativas terminaram, e não poderiam terminar de outra maneira, com a perda de muita gente de valor e com o aumento da força e da brutalidade por parte do governo. As coisas não tem mudado de lá para cá. No lugar de Alexandre II veio Alexandre III, depois Nicolau II. No lugar de Bogolievov, veio Glazov, no lugar de Spiagnine, veio Plehwe; e depois de Bobrikov, veio Obolensky.

Eu ainda não havia terminado de escrever este trabalho quando Plehwe perdeu seu cargo, e para substituí-lo pensava-se nomear outro ainda mais odioso que ele, tanto que depois da morte de Plehwe, o governo tornou-se ainda mais cruel. Ninguém pode negar o valor de homens como Khaltourine ⁽³⁾, Ryssakov e Mikhaikov ⁽⁴⁾, e dos que

mataram Bobrikov e Plehwe, que sacrificaram suas vidas para alcançar um fim inacessível. De igual maneira tampouco pode-se deixar de reconhecer o valor e a abnegação daqueles que a custa dos maiores sacrifícios incitaram o povo à revolução, e dos que imprimem e propagam folhetos revolucionários.

Mas é impossível não ver que a atividade desses homens não pode resultar outra coisa senão a derrota e a piora da situação em geral. O que faz com que homens inteligentes, morais, possam entregar-se inteiramente a uma atividade tão claramente inútil, pode explicar-se unicamente porque na atividade revolucionária, há algo de excitante na luta, no risco de vida, que sempre atrai à juventude. É comovente ver a energia de homens fortes e capazes direcionada para matar animais, percorrer grandes trajetos de bicicleta, saltar obstáculos, lutar, etc., e é ainda mais triste ver esta energia sendo gasta arrastando homens para uma atividade perigosa que destrói sua vida, ou, pior ainda, para atividades legais, ou, mais precisamente, para atividades definidas como legais, onde se proíbe, sob pena de castigo, qualquer um que atente contra o que se reconhece ser direito dos indivíduos. Aqui, a despeito dessa definição ter como base a liberdade, o que ocorre na verdade é, na maioria dos casos, uma violação à liberdade do homem. Por exemplo, nossa sociedade reconhece o direito do governo dispor do trabalho (impostos), e até mesmo da pessoa (serviço militar) de seus cidadãos. Reconhece que alguns homens tem o direito da posse exclusiva da terra, quando sem embargo, é evidente que tais direitos, ao proteger a liberdade de uns, não apenas priva outros de liberdade, como também do modo mais brutal priva a maioria de dispor de seu trabalho e até mesmo de sua pessoa.

Definir liberdade como direito de fazer tudo o que não atinja a liberdade de alguns, tudo o que não é proibido pela lei; evidentemente, não corresponde ao conceito da palavra liberdade. E não poderia ser de outro modo, porque uma definição semelhante atribui ao conceito de liberdade a qualidade de algo positivo, quando liberdade é uma concepção negativa. Liberdade é ausência de travas. O homem é livre somente quando ninguém lhe proíbe, sob a ameaça da violência, de executar certos atos.

Os homens não podem ser livres em uma sociedade onde os direitos das pessoas estão definidos de uma maneira onde se exige ou se proíbe certos atos sob pena de castigo. Os homens podem ser verdadeiramente livres apenas quando todos igualmente estiverem convencidos da inutilidade, da ilegitimidade da violência, e obedeçam

as regras estabelecidas, não por medo da violência ou da ameaça, e sim, pela convicção arrazoada.

Mas não faltará quem me objete, dizendo que não há uma sociedade semelhante, logo, em nenhuma parte pode existir a verdadeira liberdade; mesmo admitindo não haver sociedade que não reconheça a violência como necessária, esta necessidade também tem seus diversos graus. Toda a história da humanidade é a gradual substituição da violência pela convicção razoável. Ademais, a sociedade reconhece claramente a estupidez da violência, e se acerca cada vez mais da verdadeira liberdade. Isto é elementar e deveria ser claro para todos se desde há muito não se houvesse estabelecido entre os homens a inércia diante da violência e o emaranhado voluntário dos conceitos para sustentar esta violência que só é vantajosa para os dominadores.

A influência mútua pela convicção razoável, baseada nas leis de uma razão comum a todos, é própria dos homens e dos seres razoáveis. Esta submissão voluntária de todos às leis da razão e o fato de proceder cada um para com os demais da mesma forma como quer que procedam para com ele, é própria à natureza do homem razoável que é comum a todos. Esta relação mútua dos homens, que realiza o mais elevado ideal de justiça, é propagada por todas as religiões, e a humanidade não cessa de aproximar-se dela.

Por esta razão é evidente que nos espera uma liberdade cada vez maior, não pela introdução de novas formas de violência como fazem os revolucionários que tratam de aniquilar a violência existente com o emprego de outra violência, e sim propagando entre os homens a consciência do ilegítimo, da criminalidade, da violência e a possibilidade de ser substituída pela convicção arrazoada, ao mesmo tempo em que cada indivíduo vai empregando cada vez menos a violência. Esparramando este convencimento e abstendo-se da violência, cada homem tem um meio acessível e o mais poderoso: convencer-se a si mesmo, ou seja, aquela pequena parte do mundo que nos é submissa, e graças a este convencimento, separar-se de toda participação na violência e levar uma vida na qual a violência deva resultar inútil.

Pensa com seriedade, compreende e define o sentido de tua vida e de teu destino -- a religião te ensinará -- trata, na medida do possível, de realizar em tua vida o que consideres como teu destino. Não tomes parte no mal que reconheces e censuras. Vive de maneira que a violência não te seja necessária, e te ajudarás da maneira mais eficaz a adquirir a consciência da criminalidade, da inutilidade da violência, e

procedendo assim, pela via mais segura, poderás esperar a libertação dos homens, o objetivo dos revolucionários convictos.

Não há liberdade quando não se permite dizer o que se pensa, nem quando não se pode viver como se crê necessário.

Ninguém pode obrigar-te a dizer o que não acreditas ser útil e nem a viver como não queiras, e todos os esforços dos que te contradizem não farão mais que fortalecer a influência de tuas palavras e de teus atos.

Mas essa negativa de atividade exterior, não seria um sinal de debilidade, de covardia, de egoísmo? Esse distanciamento da luta não ajudaria o aumento do mal?

Existe uma opinião semelhante; e provocada por revolucionários. Mas esta opinião não é apenas injusta, como também revela má fé. Cada homem que deseja colaborar para o bem geral de todos os homens deverá tratar de viver sem recorrer em nenhum caso à proteção de sua pessoa e de sua propriedade pela violência, deverá tratar de não submeter-se às exigências das superstições religiosas e governamentais, não deverá em nenhum caso tomar parte na violência governamental, seja nos tribunais, seja nas administrações, ou em qualquer outro serviço, não deverá usufruir, sob nenhuma forma, de dinheiro arrancado do povo pela força, não deverá tomar parte no serviço militar, fonte de todas as violências. Atento a estas coisas, este homem saberá por experiência, quais são os verdadeiros valores e quais são os sacrifícios necessários para seguir o caminho do emprego de uma atividade completamente revolucionária.

A recusa em pagar impostos ou tomar parte no serviço militar, tem amparo na lei religiosa e moral, que os governos não podem negar, apenas esta recusa, firme e atrevida, quebra as estruturas sobre as quais se sustentam os governos e isso será mil vezes mais seguro que o emprego das greves por mais longas que sejam, que os milhões de folhetos socialistas, que as revoluções melhor organizadas ou a matança de políticos.

E os governantes sabem disso, o instinto de conservação lhes diz onde está o perigo principal. Não tem medo das tentativas violentas, pois tem em suas mãos uma força invencível; mas sabem também que são impotentes contra a convicção razoável, afirmada pelo exemplo da vida.

A atividade espiritual é a força maior e mais poderosa. Move o mundo. Mas para que seja a força que move o mundo é preciso que os homens creiam em sua potência, que se sirvam dela sem mesclar procedimentos de violência que aniquilam sua força. Os homens devem saber que todas as muralhas da violência, mesmo aquelas que parecem mais fortes, não se derruba pelas conjurações, pelos discursos parlamentares, ou pelas polêmicas dos periódicos, e muito menos pelas revoluções ou matanças; se derruba unicamente pela explicação que cada um faz do sentido e do objetivo de sua vida e a execução firme, valorosa, sem compromissos, em todos os aspectos da vida, das exigências da lei superior, interior da vida. Seria bem desejável que os jovens, que não ligam para o passado, que querem com sinceridade servir ao bem dos homens, que compreendessem que a atividade revolucionária que lhes atrai, não somente não alcança um fim persuasivo, como também lhe é completamente contrário, esgota suas melhores forças da vida, pela qual podem servir a Deus e aos homens. A atividade revolucionária, com mais freqüência, produz um efeito contrário ao seu objetivo, que não se alcança exceto pela clara consciência de cada indivíduo sobre seu destino e sobre sua dignidade humana, e, portanto, pela vida firme, religiosa e moral que não admite nenhum compromisso, nem por palavras ou atos, com o mal da violência que se censura e se deseja destruir.

Se um por cento da energia que é gasta agora pelos revolucionários para alcançar fins exteriores inalcançáveis fosse empregada no trabalho interior espiritual, há muito tempo essa energia haveria derretido esse mal, como a neve ao sol do verão, contra o qual os revolucionários tanto tem lutado e ainda lutam em vão.

Yasnaia Poliana, 22 julho (4 agosto 1904).

Notas

(1) Este artigo serviu de prefácio a um folheto de M. V. Tcherkov, intitulado, *A revolução violenta ou a libertação cristã*.

(2) 1º de março de 1881. Morte de Alexandre II.

(3) Tentou explodir o *Palácio de Inverno* em 1880.

(4) Dois dos autores da morte de Alexandre II.

Versão em espanhol, Chantal López e Omar Cortés (versão em língua portuguesa por Railton S. Guedes).

